

Oficina de Criação
usa arteterapia no
atendimento a assistidos
do Lar.
Pág. 6



**Estudos de obras
espíritas online**
Uma conquista que
veio para ficar.
Pág. 7

BATUÍRA JORNAL

Ano XXVII – Número 152 – Outubro – 2023



Págs. 4 e 5

Está de volta a sopa fraterna, tradição do GEB em V. Brasilândia



21 anos
da Casa de Cuidados
Lar Transitório.
Pág. 2

Gratidão:
Alunas do curso de
costura tornam-se
voluntárias.
Pág. 8



Editorial José Carlos Zaninotti / Editor-chefe – diretor.comunicacao.rp@geb.org.br

21 anos de Lar Transitório: compromisso sem fim!

Decorridos vinte e um anos, ainda hoje guardamos na mente as imagens de fé e alegria daquela manhã fria e ensolarada de 29 de agosto de 2002. Materializava-se, no bairro da Bela Vista de nossa capital, a Casa de Cuidados Lar Transitório Batuíra.

Refletia-se, no corpo de Spartaco Ghilardi, alquebrado e que denotava as marcas do tempo, a luz que o Espírito de Bezerra de Menezes, na data de seu nascimento aqui na Terra, irradiava para a sua alma. Um candente e largo sorriso em seu rosto simbolizava a satisfação do dever cumprido!

O médium Spartaco realizava seu compromisso com a espiritualidade e concretizava o seu acalentado sonho: ver edificado um lar para acolher pessoas convalescentes, do sexo masculino, recém-operados, necessitados de cuidados especiais, que encontravam nas ruas desertas de inverno a sua única morada. Em júbilo, Bezerra, Batuíra e uma plêiade de entidades espirituais estavam presentes, emanando alegria e contentamento.

Mais de duas dezenas de anos já transcorreram na ampulheta

do tempo. O trabalho continua o mesmo, alicerçado nos ensinamentos de Jesus. O Lar trata, com muita acuidade, serenidade e amor, os traumas físicos daqueles que saíram de cirurgias. Procura, igualmente, cuidar das chagas da alma: mágoas, revolta, vícios adquiridos como fuga de problemas, como o álcool e as drogas.

“Eles chegam aqui com o coração amargurado. Além do tratamento médico e psicológico, proporcionamos o acolhimento com o Evangelho e o tratamento que a Doutrina Espírita oferece: fluidoterapia, passe, água fluidificada e trabalho de desobsessão. Eles adquirem o conhecimento sobre o que aconteceu com a vida deles, e criam condições para promoverem uma mudança mental que se reflete em suas próprias vidas”, explica o Dr. Eduardo Barato, diretor do Lar Transitório.

Em torno desse sonho, construído com os pés fincados no chão, sob a liderança de Spartaco e contando com o apoio da família batuirense, é preciso destacar Francisco José Lucas Neto, doador do terreno onde se loca-

liza a edificação do Lar. “Tinha o desejo de construir uma casa de ajuda a pessoas doentes e essa vontade casou com a do Grupo Espírita Batuíra de erguer um espaço de acolhimento transitório para os moradores em situação de rua. Não sinto que tivesse feito algo especial. Somente que a espiritualidade encontrou alguém para começar o trabalho”, confidenciou.

Percebemos como estamos alinhados com o projeto educacional de Jesus. Ao nos aproximarmos da luz divina imanente em todas as criaturas que adotam os ensinamentos do Rabi, solucionamos os problemas individuais e coletivos da sociedade. É como Ele ensina no Evangelho de Mateus, 7:24: “...todo aquele que ouve as minhas palavras e as pratica será comparado ao homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha.”

Spartaco revelou ao Dr. Barato, ao inaugurar o Lar: “Estamos assinando um contrato com data de início, mas não de fim.” A manutenção do Lar é um compromisso de todos nós do Grupo Espírita Batuíra. Jesus continua no leme!

Lendo o Novo Testamento

O mundo odeia os discípulos

Eu tenho dito tudo isso para que vocês não venham a tropeçar. Vocês serão expulsos das sinagogas; de fato, virá o tempo quando quem os matar pensará

que está prestando culto a Deus. Farão essas coisas porque não conheceram nem o Pai, nem a mim. Estou dizendo isto para que, quando chegar a hora, lem-

brem-se de que eu os avisei. Não disse isso a vocês no princípio, porque eu estava com vocês.

Extraído do
Evangelho de João 16 : 1-4

Diálogo com os Espíritos

Civilização

790. É um progresso a civilização ou, como o entendem alguns filósofos, uma decadência da humanidade?

“Progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade.”

a) — Será racional condenar-se a civilização?

“Condenai antes os que dela abusam e não a obra de Deus.”

791. Apurar-se-á algum dia a civilização, de modo a fazer que desapareçam os males que haja produzido?

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto a inteligência. O fruto não pode surgir antes da flor.”

792. Por que não efetua a civilização, imediatamente, todo o bem que poderia produzir?

“Porque os homens ainda não estão prontos nem dispostos a alcançá-lo.”

a) — Não será também porque, criando novas necessidades, suscita paixões novas?

“É, e ainda porque não progredem simultaneamente todas as faculdades do Espírito. Tempo é preciso para tudo. De uma civilização incompleta não podeis esperar frutos perfeitos.” (751–780.)

793. Por que indícios se pode reconhecer uma civilização completa?

“Reconhecê-lo-eis pelo desenvolvimento moral. Credeis que estais muito adiantados, porque tendes feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque vos alojais e vestis melhor do que os selvagens. Todavia, não tereis verdadeiramente o direito de dizer-vos civilizados,

senão quando de vossa sociedade houverdes banido os vícios que a desonram, e quando viverdes como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, sereis apenas povos esclarecidos, que percorreram a primeira fase da civilização.”

A civilização, como todas as coisas, apresenta gradações diversas. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Nem por isso, entretanto, constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral.

De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode considerar-se a mais civilizada, na legítima acepção do termo, aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde a inteligência se puder desenvolver com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, pois tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis nenhum privilégio consagrem e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam mais respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.

EXPEDIENTE

Um órgão do Grupo Espírita Batuíra

site: www.geb.org.br

E-mail: geb.batuiira@terra.com.br

UNIDADE DOCTRINÁRIA SPARTACO GHILARDI

Rua Caiubi, 1306/1314 – Perdizes
05010-000 – São Paulo – SP

UNIDADE ASSISTENCIAL DONA ANINHA

Rua Jorge Pires Ramalho, 34
Vila Brasilândia – 02846-190 – São Paulo – SP

CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL BATUÍRA

Rua Jorge Pires Ramalho, 70
Vila Brasilândia – 02846-190 – São Paulo – SP

LAR TRANSITÓRIO BATUÍRA

Rua Maria José, 311 / 313 – Bela Vista
01324-010 – São Paulo – SP

ESPAÇO APINAGÉS

Rua Apinajés, 585/591 – Perdizes
05017-000 – São Paulo – SP

Conselho de Administração

Pres.: Marco Antonio Pereira dos Santos

Membros:

Iraci Maria Padrão Branchini

Jaílton da Silva

Ricardo Silva Pastori

Conselho Fiscal

Pres.: Robson Ferreira

Membros:

Thatiana Ghenis Viana

Fernando Santin

Suplentes:

Roberto Garcia Filho,

Luiz Fuchs

Daniel Branchini

Diretoria Executiva

Pres.: Ronaldo Martins Lopes

1º Vice-Pres.: Geraldo R. da Silva

2º Vice-Pres.: Luiz Garcia de Mello

1ª Sec.: Marly Ribeiro Barbosa Rubio

2ª Sec.: Simone Queiroz M.C. Nieto

1º Tes.: Cláudio Luiz de Florio

2º Tes.: Jorge Chrypko

3º Tes.: Francisco Colloca

Diretor Jurídico: Gabriel Branchini da Silva

Diretor Ass. à Saúde: Eduardo Barato

Diretora da Creche/CEI: Sonia Judite Lopes

Comunicação: J.C. Zaninotti

Editor-chefe

José Carlos Zaninotti

director.comunicacao.rp@geb.org.br

Editora-executiva

Simone Queiroz

queirozsimone@hotmail.com

Jornalista responsável

José Carlos Zaninotti - MTB 665 - DF

director.comunicacao.rp@geb.org.br

Colaboraram nesta edição

José Carlos Zaninotti

Simone Queiroz

Victor Ferreira

Revisão

Carla Deboni

Editoração

Ezequias Tomé da Silva

Impressão:

Potyguara Gráfica e Editora Ltda. - (11) 2947-1319.

BATUÍRA JORNAL: Distribuição gratuita. Tiragem 800 exemplares. É permitida a reprodução total ou parcial das matérias e fotos aqui publicadas desde que mencionada a fonte. O Batuíra Jornal está redigido em conformidade com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Simone Queiroz – queirozsimone@hotmail.com

A sopa está de volta

O sol ainda nem raiava no céu e já se sabia que o dia seria intensamente iluminado. Os primeiros trabalhadores foram chegando... pensamentos divididos entre o presente e o passado, a história daqueles que, há quase 60 anos, desbravaram as ruas de terra e escorregadias de Vila Brasilândia. No ar, a alegria, a emoção estampada nos rostos, porque, enfim, a sopa fraterna está de volta.

Por mais de três anos, ela ficou suspensa. Não que o Grupo Espírita Batuíra tenha deixado de alimentar quem chegasse com fome. Não mesmo! Desde que começou a pandemia de Covid, com a necessidade de distanciamento entre as pessoas, a Unidade Dona Aninha passou a distribuir, na porta, marmitas recheadas de boa comida. Trezentas por dia! O assistido recebia - e ainda recebe, durante a semana - e voltava pra casa com alimento para ele e até para a família. Em nome da segurança sanitária, não se permitiu a ocupação do refeitório, por isso, a sopa fraterna, tradição em nossa casa e no bairro, deixou de ser feita. Afinal, como carregar a sopa nas embalagens de alumínio? Não dava...

No dia 5 de agosto, enfim, a sopa retornou ao cardápio! Uma conquista que, primeiramente, aqueceu o coração dos voluntários. Desde os que recolheram no Ceasa as doações dos ingredientes, até os que se envolveram na tarefa do preparo e entrega. E foram muitos!

Só na cozinha, lavando, cortando, temperando, enfim, colocando a mão na massa, ou melhor, nos legumes, eram 16. Ainda teve a colaboração fundamental da nossa padaria, que preparou 250 pãezinhos deliciosos, complementando a refeição. Foram atendidas 240 pessoas ao todo.

O segundo vice-presidente do GEB e diretor da Unidade Dona Aninha, Luiz Mello, se emocionou ao conversar com o Batuíra Jornal sobre a volta da sopa: "Significa o retorno da dignidade das pessoas. Na necessidade, você receber um alimento na calçada, ok. É até suportável, mas não agradável. Gratificante é ver o assistido sentado à nossa mesa, compartilhando esse momento com as demais pessoas. À medida que o número de trabalhadores aumentar, poderemos ampliar os dias de sopa para durante a semana."

Fome de amor

Ainda era cedo, quando muitos assistidos começaram a chegar. Alguns, para a reunião da Família Assistida; outros, para as atividades do Brasa Jovem... e, enfim, às 11 horas, eles entraram no refeitório. Já na porta, pão e pratos colocados à mesa com a sopa quentinha, perfumada, temperadinha com carinho e amor.

Valdelici Aparecida de Souza Almeida, 42 anos, veio com a filha Isadora, de 11 meses. Ela está desempregada. Nunca havia tomado o alimento aqui, mas desde criança conhece seu sabor, porque a mãe e a avó traziam um recipiente e levavam para casa a "sopa da dona Aninha", como sempre chamavam:

"Minha avó e minha mãe pegavam no tempo em que o carro ia pelas ruas do Jardim Guarani, servindo a sopa. Minha avó dizia que ela é muito forte e faz bem para todo mundo. Sustenta mesmo!" ▶



Claudete Soares da Silva, de 57 anos, tomou e repetiu três vezes.

“Fiquei tão feliz em saber da volta da sopa! Fui assistida em vários trabalhos do Batuira, fiz o curso de Orientação Maternal há 37 anos, depois meu filho frequentou a creche, também já fui voluntária.”

Encontramos a Maria Helena da Silva, 50 anos, que também há muitos anos é frequentadora e beneficiada em diferentes atendimentos na Unidade Dona Aninha:



“Está uma delícia. Eu venho sempre pegar a marmita, mas gosto muito da sopa. Trouxe um baldinho para levar um pouco mais e tomar à noite com a família. Somos quatro em casa.”

Entre os quatro citados pela Maria Helena, está a filha, Jackeline Pereira dos Santos, que, anos atrás,

apareceu em publicações do GEB ao lado da mãe. Viu como todo mundo elogia o sabor da sopa? E, além de tudo, é muito nutritiva pela variedade de ingredientes benéficos à saúde não só do corpo, mas também da alma, como nos lembra o coordenador do trabalho, Rogerio Franco:

“A sopa vai carregada de sentimentos, resultado da união de todos, destacando a equipe espiritual. Sabemos que nestes panelões vão mais que alimentos, a gente só executa, o plano espiritual é que comanda e age para que o prato de comida seja um instrumento para uma doação bem maior.”

Todos os que entram para comer passam antes na sala de passes, que ganhou um novo espaço para facilitar o percurso dos assistidos. Sabendo que a demanda aumentaria, a equipe está reforçada. Foi oferecido um curso para a adesão de novos voluntários, de forma a atender todos os que agora passam pelos portões para saciar a fome do corpo, e também para cuidar das feridas da alma, que todos temos.



Voluntários

Quanto mais voluntários engajados no preparo da sopa, em mais dias será possível servir o alimento no refeitório. Quem quiser participar e se integrar à equipe, será muito bem-vindo. É um trabalho que está no “dna” de nossa casa e fala muito sobre o dever da caridade, relembra Luiz Mello:

“A sopa foi a alavanca para estarmos em Vila Brasilândia. Começou ainda na unidade em Perdizes, por orientação dada pelo Chico Xavier a Sparta-co Ghilardi (principal fundador de nossa casa) e depois veio para cá, graças às valorosas famílias que, no início, iam de carro levando a sopa até as regiões mais necessitadas do bairro, vencendo todas as dificuldades. Uma das coisas que o Douglas Bellini (trabalhador incansável da casa de Batuira, em diferentes funções, até desencarnar em 2022, como presidente do Conselho de Administração do GEB) me pediu foi o retorno da sopa.”

Cumpriu-se! ■

Lar Transitório Victor Ferreira

A arte de descobrir a si mesmo: tintas, pincéis e aquarelas para pintar um recomeço



Não foi à toa que artistas consagrados pela história fizeram de suas obras um canal para escoar inquietudes. Quem traduz sentimentos em trabalhos artísticos reconhece que há uma relação íntima entre dor e arte.

Libertadora como é, essa manifestação divina tem ido além. Na Casa de Cuidados Lar Transitório Batuíra, na Bela Vista, as técnicas têm contribuído para a recuperação de quem está em período de convalescença.

A Oficina de Criação usa atividades como pintura, colagem e recortes para os pacientes, que são pessoas em situação de vulnerabilidade social, submetidas a cirurgias, e que não têm para onde ir quando saem do hospital.

Rogério Soares, um dos três voluntários da oficina, lembra que, não bastassem os machucados da vida, muitas dessas pessoas, que vieram de ambientes hostis, passaram por acidentes recentes, como atropelamentos, e precisam de um ambiente acolhedor após receber alta hospitalar.

“As atividades que realizamos aqui ajudam a lidar com traumas físicos e emocionais. Quando se deparam com o amor oferecido pela casa, percebem que essa é uma chance de recomeço. É nesse momento que o nosso trabalho entra em ação”, afirma Rogério. Os encontros da Oficina de Criação são semanais e começam com uma proposta inicial de atividade. Os alunos são estimulados a desenvolver a autopercepção e a fazer um mergulho em si mesmos, como em trabalhos de autorretrato. Ao final, podem expor suas produções e compartilhar vivências. É uma chance de reforçar a autoestima e perceber que trazem consigo as cores para pintar novos caminhos.

“A gente usa a comunicação artística como ferramenta para que eles possam se expressar, se colocar,

contar a sua história. É o momento em que eles têm a chance de dizer o que querem do futuro, dos seus sonhos, onde eles podem falar de si”, conta Rogério. Em 2019, um estudo da Organização Mundial da Saúde concluiu que a arteterapia tem resultados positivos na melhoria da saúde física e mental. Na espiritualidade superior, os benfeitores também costumam fazer da arte uma aliada. Isso quer dizer que ambos os planos concordam: a arte, se não cura, alivia. ■



“A arte pura é a mais elevada contemplação espiritual por parte das criaturas. Ela significa a mais profunda exteriorização do ideal, a divina manifestação desse ‘mais além’ que polariza as esperanças das almas.”

Emmanuel – O Consolador

Simone Queiroz – queirozsimone@hotmail.com

Conhecimento e amor sem fronteiras

Uma novidade, imposta pela necessidade de distanciamento social no início da pandemia de Covid, se mostra hoje, três anos depois, uma conquista - que, pelo jeito, veio para ficar. Estamos falando do estudo de livros da Codificação e de outras obras espíritas por meio de encontros online, oferecidos pelo Grupo Espírita Batuira. O GEAK, Grupo de Estudos Allan Kardec, conta com 350 participantes em estudos de 15 livros, gerando 24 turmas, que contam com 60 facilitadores. De segunda a sexta-feira, em diferentes horários, há pessoas de várias cidades brasileiras e até de outros países estudando a partir dos grupos criados pelo GEB.

Em 2023, o GEAK passou a oferecer a opção da volta dos encontros presenciais, mas as inscrições mostraram a preferência pelo online, como nos conta o coordenador Marcos Longarço:

“Com as turmas online, alcançamos uma abrangência muito grande e a maioria dos participantes aprecia a comodidade de estudar de casa. A ideia é manter o esforço pela retomada presencial, porque é inegável o benefício de ir à casa espírita e o convívio com os colegas. O estudo de O Livro dos Espíritos, às segundas-feiras, mantém-se presencial e é um sucesso. Os frequentadores podem se inscrever a qualquer momento e a participação é sempre muito alta.”

A internet permitiu um alcance muito maior da proposta de estudo, permitindo atingir pessoas que morando longe de São Paulo, que provavelmente nunca chegariam às nossas unidades. Mas os elos de amor e amizade que o estudo em grupo promovem são tão intensos, que o improvável também acontece.

No encerramento do ciclo de estudos de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que começou em 2021 e durou dois anos, os participantes que só se viam pela internet vieram à Unidade Doutrinária Spartaco Ghilardi, em Perdizes, para uma confraternização presencial. E qual não foi a surpresa - e alegria de todos -, quando entrou no auditório uma assídua e animada participante, vinda direto de São Gonçalo, município do estado do Rio de Janeiro, para abraçar os colegas e conhecer fisicamente o GEB.

Marlene Araújo Lourenço, 54 anos, é



servidora pública. Viajou mais de 400 km pela oportunidade de estar com os companheiros, com quem conviveu todas as noites de terça-feira, quando acontece o estudo do ESE.

“Conhecer, depois de dois anos, as pessoas que eu só via pela internet, foi uma coisa incrível. Gratidão é a palavra de ordem pra mim hoje e sempre. Pela vida, pelas oportunidades que tenho tido, tenho muito a agradecer ao mestre Jesus”, emociona-se

Marlene, que veio com o marido, na viagem de carro.

Marlene era católica, mas recebeu emprestado de uma prima o livro Violetas na Janela (Espírito Patrícia, psicografia de Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho) e partiu para internet à procura de informações sobre a Doutrina Espírita. Foi então que encontrou referências ao Grupo Espírita Batuira e não pensou duas vezes: se inscreveu para estudar o Evangelho Segundo o Espiritismo, que ela nem sabia que existia. Gostou tanto, que agora também estuda O Livro dos Médiuns, e Paulo e Estêvão, oferecidos online pelo GEB.

Tem sido uma revolução na vida da Marlene:

“O Espiritismo inspira a vontade de me conhecer e entender o próximo. Muitas dúvidas e incertezas me assombram, mas a cada encontro me sinto mais forte, presto mais atenção às pessoas à minha volta, à natureza, tentando entender o porquê de tudo. Espero ter tempo de aprender ainda muita coisa nesta encarnação. Tenho muitas imperfeições, mas ter consciência disso já me faz sentir melhor.”

Para quem mora em São Paulo, onde fica o GEB, o fato de estudar online não deve desestimular a frequência às nossas unidades para receber o passe, assistir a palestras, encontrar as novidades na livraria e no bazar, e participar dos trabalhos voluntários. A reforma íntima necessária a quem habita a Terra se torna mais fácil quando nos rodeamos de atividades construtivas e pessoas com o mesmo ideal. É por isso que o GEB está sempre de portas e braços abertos na internet e nas unidades, à espera de todos. ■

Fique de olho no nosso site e nos avisos nas nossas unidades sobre abertura de novas turmas para grupos de estudo. Compartilhamos conhecimento e fazemos grandes amigos

Simone Queiroz – queirozsimone@hotmail.com

Gratidão ponto a ponto

Unidade Dona Aninha, sábado de manhã... Alheias ao entre e sai de assistidos e voluntários na casa, três mulheres ocupam o salão de costura. O barulho das máquinas se mistura à conversa tranquila sobre a semana, o trabalho em casa, a família. Entre elas, em comum, uma enorme gratidão pelo Grupo Espírita Batuíra. É por isso que elas estão ali, oferecendo a outras pessoas o mesmo amor que receberam.

Estamos falando de Iraci Martins, 56 anos, Viviane dos Santos Cerqueira, de 42, Odete Maria da Silva, 61 e outras mulheres que comparecem à sala de costura aos sábados, para fazerem reparos e consertos em roupas doadas ao GEB, que possam ser levadas ao bazar, no Espaço Apinajés, unidade localizada na rua Apinajés, em Perdizes. Elas também já foram responsáveis por transformar uma doação de tecidos em lindas bolsas, entregues a mulheres assistidas pela casa, no Dia das Mães.



Todas foram alunas nos cursos de costura oferecidos pelo GEB, em parceria com o SENAC, e tiveram suas vidas transformadas pelo novo ofício, que abriu novas trajetórias profissionais e um meio de sustento das famílias - sem falar

nas amizades que se fortaleceram entre mulheres batalhadoras. Em reconhecimento a tudo isso, tornaram-se trabalhadoras voluntárias da nossa casa.

Iraci, mãe de três filhos, havia tido câncer na tireóide, trabalhou em salão de beleza, mas estava desempregada. Foi quando, em 2018, conseguiu uma vaga no curso de costura em máquina reta e overlock. Depois, fez o de modelagem.

“Um dia, ganhei uma revista sobre bonecas de pano e aquilo acionou minhas memórias de criança. Decidi fazer algumas e percebi que vendia tudo muito rapidamente. Hoje, vivo das roupas para bonecas que crio e vendo para França, Itália, Alemanha.”

E completa:

“O Grupo Espírita Batuíra representou uma porta de luz na minha vida. O que me encanta é o carinho, é a educação das pessoas com todo mundo que chega aqui à procura de ajuda. Aonde eu vou, falo daqui com imenso carinho, porque encontrei a minha paz.”

Do pão à costura

Odete conta que o primeiro curso que fez no GEB foi o de panificação. Este ano, iniciou o de costura, onde já aprendeu a fazer itens que vende para completar a renda. Ela trabalha como cuidadora.

“Em 2015, eu tive um AVC. Perdi os movimentos do lado esquerdo, mas recuperei e fui à luta. Faço bolsas, tapetes e o que mais aparece, graças ao curso de costura. Aqui, venho para assistir a palestras, receber passe e agora vou começar a estudar o Evangelho Segundo o Espiritismo. Esta casa é como um bálsamo, me deu perspectiva, esperança. É por isso que eu digo: o que eu puder fazer como voluntária, farei”, diz, emocionada.

Viviane também chegou ao GEB

aspirando a uma vaga no curso de panificação, mas, na prova de seleção, ela admite:

“Fui péssima, não conseguia fazer os cálculos para as medidas de ingredientes. Depois, fiz uma nova provinha, só que para o curso de costura e, na hora das contas, me saí muito bem”, conta, rindo, pensando em como às vezes planejamos algo, mas a vida nos leva por outros caminhos.



Depois, fez o curso de modelagem e, como ganhou uma máquina de costura, passou a fazer reparos em roupas. Duas vezes por semana, ainda trabalha com diarista, completando a renda da família. Ela é casada e tem três filhos. Aos sábados, vem à oficina de costura para o trabalho voluntário.

“A costura, para mim, é algo libertador. Mexe comigo esse poder de transformar as coisas na costura. Na pandemia, fiz e doei muita máscara com os retalhos que consegui. Eu era uma pessoa angustiada, de extremos, e hoje me sinto feliz.”

E, assim, depois da pausa para a entrevista, voltam às linhas, aos tecidos, à máquina que une, repara, transforma e, principalmente, constrói... E, como se vê, não só roupas, mas vidas e histórias. ■